

CRISE CONTEMPORÂNEA E SOCIALISMO NECESSÁRIO¹

Prof. Dr. José Chasin²

Cumprimentando a todos, eu quero, por uma obrigação elementar, agradecer à Lucila e ao Pompeu, pelo convite. Vale no espírito do trabalho que pessoalmente executamos nesse movimento que tem como expressão carnal a editora “*Ensaio*”, a revista, suas publicações... É a nossa militância, essa palavra que se tornou obsoleta. Esse espírito da militância é uma coisa em depreciação. Agradeço também pela oportunidade criada efetivamente aqui pela Faculdade de Educação do intercâmbio de caráter universitário, tão raro, tão poucas vezes praticado na universidade contemporânea que segue com todo o espírito do nosso tempo, o chamado egoísmo racional, só que o egoísmo racional corporativo, fechando-se em seus sítios de especialização, em última instância, atendendo as necessidades da área em detrimento das necessidades fundamentais do total, do global.

Eu espero que dê certo, o Pompeu agora no último instante - não tinha noção disso - me dizia que é uma iniciativa que se inicia hoje, nessa linha, nessa estrutura. Tudo bem, sejamos a “bucha de canhão necessário”, não tenho a menor restrição a isso, se servir para implementar um trabalho dessa natureza. Reafirmamos os agradecimentos, eu quero dizer que a linha de pesquisa do marxismo, em termos do corpo docente que é constituído por mim, pela Ester Vaisman e eu diria que boa parte pelo próprio corpo discente desta linha que vive o espírito de uma empreitada original, está à disposição naquilo que suas limitadas possibilidades puder ajudar, respaldar, estimular o trabalho dessa natureza.

¹ Palestra realizada em 1992, na Faculdade de Educação da UFMG. Transcrição: Rafael Rossi e Aline Cristina Santana Rossi. Agradecemos à Profa. Dra. Ester Vaisman (UFMG) pelo apoio, autorização e revisão do texto.

² Importante filósofo brasileiro de enorme envergadura intelectual, falecido em 1998. Autor de inúmeras obras extremamente críticas - no sentido de agarrar os fundamentos dos fenômenos estudados - como “*Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*” (publicado pela Boitempo editorial 2009); “*A Sucessão na Crise e a Crise na Esquerda*”; “*O Integralismo de Plínio Salgado*”; “*A Via Colonial de Entificação do Capitalismo*”; “*A Miséria Brasileira 1964-1994: Do golpe militar à crise social*”; dentre outros.

Toda vez que a gente pela primeira vez encontra pessoas novas, novas para o nosso conhecimento e eu tenho que dizer que agora mesmo estou entrando no prédio da educação e não sabia que ficava aqui tão pertinho, atrás da FAFICH, eu não sei quem tá atrás de quem. Eu acho que, sem ser Galileu, não sabia onde que ficava em cima, onde que ficava embaixo estamos aqui neste momento, com este espírito. Mas toda a vez que a gente encontra pessoas novas, a gente gostaria de trazer uma palavra de estímulo e de esperança, na medida em que a presunção de que essas pessoas novas, são possíveis amigos a curto prazo. No entanto, o tema é ingrato.

A Lucila tracejou a linha de horizonte da questão e a crise contemporânea, obviamente, não faculta uma colocação de esperança fácil. Hoje, e de algum tempo pra cá, muitos falam em crise. Crise de tudo quanto é tipo: da crise cultural, passando pela crise espiritual, da crise espiritual passando pela cultural e chega à política, na social, na institucional, na econômica, na de sistemas etc. cada um querendo dar importância maior a este ou aquele aspecto, em suma, a palavra crise se desgasta pelo seu uso indevido e impreciso. Mas não se desgasta a factualidade, a veracidade, a concretude de uma crise real que açambarca - sem percebermos - em grande medida todas as energias não deste ou daquele local, deste ou daquele país, desta ou daquela forma de dominação, mas esgota as energias reais da humanidade. Eu na expressão muito simples diria que a crise é todas, é o conjunto, é o complexo de todas essas crises específicas, na medida em que essas crises específicas são especificações de uma inviabilidade básica posta pela *crise do capital*. Eu quero colocar que a crise do capital, vocês vão ver já, envolve os dois sub-sistemas do capital, ou seja, as duas formações sociais contemporaneamente existentes. Quando estou me referindo à contemporânea, eu quero me referir basicamente este século.

Um século contraditório, extraordinariamente contraditório, talvez o século mais contraditório de toda história da humanidade, onde de um lado nós temos a mais alta capacitação humana de um domínio das forças da natureza, no sentido de sua conversão a finalidades humanas, fantástico desenvolvimento científico-tecnológico, extraordinário, que é a base da forma, através da qual a hominização e a humanização se torna possível e, de outro lado, nós temos a incapacidade fundamental de prosseguir o mais importante de todos os itinerários: a construção humana. É absolutamente destituído de possibilidade, levar à frente contemporaneamente neste século, mas este século não inaugura este programa. Este programa está inaugurado no mínimo desde fins do século XVII e princípios do século XVIII, mas explode, eu não poderia garantir, mas chegamos ao instante mais agudo desta crise, mas nós chegamos, sem dúvida nenhuma, a um momento de teor mais deliquesciente desta crise no que tange à perda de autonomia total na construção desta própria autonomia do humano. Eu não estou aqui, nem de longe, seguindo os princípios da autonomia kantiana, não é isto, mas a autonomização dentro da história dos processos sensíveis, processos

materiais, processos espirituais que chegam a levar, a elevar para níveis mais desenvolvidos o problema da construção do homem. Se a gente precisasse numa só frase dizer, resumir, sintetizar, a história do homem é a questão é: como é que se põe o homem e se desdobra o homem e esta é uma construção infinita. Construção infinita que está barrada contemporaneamente por esta contradição: de um lado alta capacitação e desenvolvimento, de outro, total impossibilidade, nem sequer de reter os níveis de humanização construídos no passado.

Isto não é um tema obviamente é um conjunto enciclopédico de problemas e aos quais não nos voltaremos hoje, mas apenas, aqui, referir de forma bastante sumária. Eu posso ficar conversando com vocês uns 40 minutos e depois então, nós teremos que generalizar a conversa, de modo que eu vou passar por cima das questões simplesmente como lanterninha de cinema que não existe mais. Um sujeito que tinha uma lanterna na mão e mostrava onde é que tinha um lugar vazio. Eu vou com uma lanterna mostrar não um lugar vazio, mas o lugar dos problemas.

A crise contemporânea ou poderia ser chamada a dupla barbárie é a crise dos dois sub-sistemas do capital. Eu aqui estou repetindo uma nomenclatura utilizada em dois textos meus, que estão em publicações na *Ensaio 17/18* e neste volume que organizo sobre marxismo, “*Marx Hoje*”, volume I. Eu diria que em função dos acontecimentos do último ano e o último texto meu tem pouco mais de um ano, essa nomenclatura já teria que ser ajustada em dada medida, porque em verdade, deixou de haver dois sub-sistemas do capital e passou a existir exclusivamente um único sistema. Vejam, com isso estou demarcando o seguinte: até um ano e meio atrás, mais ou menos, antes da *débaclé* total do leste europeu, havia dois sub-sistemas, que eu chamava de dois sub-sistemas do capital. Eu comecei a dar, a referir a este problema deste modo em princípios da década de 1980. O primeiro texto foi em 1983, texto escrito, oralmente já explicitava isto desde o começo da década de 1980 e permitia a ousadia de assim colocar, isto é, eu negava e continuo negando e cada vez com maior convicção, qualquer ideia de que tenha havido qualquer tipo de trânsito para o socialismo no leste europeu e países correlatos. Isso não existiu. A grande ilusão, ficção, grande drama e o grande entrave contemporâneo para pensar a questão do futuro: não houve e não pode haver nenhuma transição para o socialismo, é falsa a expressão do “*socialismo real*”, é aberrante, verdadeiramente aberrante e mesmo no meu texto mais antigo, acompanhando algumas, alguns outros autores, eu chegava a falar de socialismo de acumulação, coisa que eu abandono por inteiro. Posteriormente passo a falar em *pseudosocialismo*. Particularmente em termos de uma nomenclatura despojado em qualquer sentido mais violento, ou mesmo pejorativo, então me refiro - numa comunidade conceitual com Mészáros - ao “*pós-capitalismo*”.

Eu voltarei a isto. Eu estou acentuando neste momento e estou falando um pouco depressa propositalmente, pra ver se nos 40 minutos nós pelo menos antenamos as questões, dos tracejamentos fundamentais dos problemas. Eu dizia então, que por *débaclê* da experiência do leste europeu, reincorporou-se quase já nesta altura, na totalidade todo o sistema do leste e países correlatos, envolve Cuba, China etc. etc. claro o coração disto é a velha e quase já desaparecida União Soviética. Por *débaclê*, isto é, a quebra por dentro desta experiência, aquilo que era um sub-sistema do capital, ou seja, uma forma econômico-social diferenciada do sistema do Ocidente, está sendo reabsorvida e reincorporada ao sistema do mercado mundial, ao sistema da lógica globalizante do capital, do capital privado. Vocês vão entender melhor isso já já.

Então eu falava até há pouco tempo em uma dupla barbárie, uma dupla crise nos dois sistemas. Eu vou manter, em grande medida, esta mesma argumentação, apenas, desde o início, chamar a atenção para o seguinte: não se pode a rigor, hoje, a partir dos últimos 12 meses, falar em dois sub-sistemas, a não ser sob o seguinte aspecto: há um sistema, o do Ocidente, que tem as características que tem, eu vou chegar a ele já já; e um outro que se reajusta em crise ao primeiro. Nesta medida ainda persiste a possibilidade de uma distinção, mas dentro de mais 06 meses, 08 meses, 01 ano, estará completamente dissolvida esta possibilidade real. Não quer dizer que este retorno ao capitalismo, não é um retorno ao capital, eu vou falar daqui a pouquinho, o capital persistiu em todo o leste europeu. Eu estou fazendo uma distinção entre capital e capitalismo, porque é vital. Este retorno será um retorno, sem dúvida nenhuma e já o é, problemático. Não é simplesmente um passeio sob pétalas de rosas. Mas, então, feitas estas ressalvas, vamos dirigir um olhar, um olhar reflexivo sobre os tais dois sub-sistemas.

Dizendo que ambos estão de há muito em crise, mas caracterizemos a especificidade da crise em cada um deles. Primeiro lugar, aquele âmbito mais conhecido: o Ocidente. O capital no Ocidente. Disto, a respeito disto eu referirei a ideia, ou melhor, o diagnóstico de uma crise estrutural do capitalismo, o mundo Ocidental, o mundo da economia, da propriedade privada e todos os seus correlatos, com uma diferença fundamental: esta crise estrutural do capitalismo, uma crise em sua vertebração, uma crise em sua interioridade fundamental, pra usar uma linguagem aristotélica: uma crise em sua *forma*, na contemporaneidade e aqui vou ser bem preciso, a partir da 2ª Guerra Mundial, não é apenas a crise gerada pelos traços mais débeis e problemáticos da lógica do capital que são conhecidos: as contradições entre trabalho social e apropriação privada, a exploração através do assalariamento, a desigualdade social como fundamento precípua e insuperável, a contradição capital/trabalho como cerne decisivo; estas contradições são as que eu chamei: os aspectos mais débeis e problemáticos, amplamente conhecidos e até para aqueles que refletem

mesmo do ponto de vista do capital no ocidente o mundo capitalista, admitem, pelo menos admitem que estes problemas em certa medida e no passado, até próximo, na entrada deste século, existiram.

Eu continuo dizendo, eles existem muito explicitamente no que seria o terceiro mundo, na periferia, de forma enganosa, eles não aparecem no mundo desenvolvido que é um mundo minoritário, um mundo de poucos países que dão a aparência de um mundo cintilante da mercadoria, que encontrou a sua perfectibilidade. Visão enganosa, mas enganosa no sentido hegeliano, no sentido de que ela é real enquanto engano, ou seja, o fato é fato e é verdade enquanto fato, mas ele não é verdade enquanto fundamento, enquanto estrutura interna da questão. Mas, eu digo a crise do mundo ocidental, é uma crise gerada não apenas por estes aspectos, mas ostensivamente problemático, pelas debilidades estruturais de seu perfil, mas, hoje, esta crise, ao contrário, é gerada pelas melhores e maiores qualidades, pelas qualidades positivas do inerente na contemporaneidade ao sistema do capital. Eu quero dizer o seguinte: a crise no Ocidente combina as antigas contradições, deficiências, debilidades do capital e da sua formação societária a novos agentes determinantes da crise, só que estes agentes não são mais os aspectos débeis, os aspectos problemáticos da lógica societária do capital, mas são os aspectos de maiores e melhores, em termos de qualidade, de capacidade, desenvolvida pelo sistema do capital, por aquilo que ele tem de mais grandioso e visivelmente grandioso e temos a obrigação de reconhecer como grandioso.

Para não perder muito tempo com isto, eu me refiro à capacitação extraordinária alcançada pelo capital no desenvolvimento das forças produtivas, que é o cerne da questão. Nós estamos vivendo um novo momento, uma terceira Revolução Industrial e é uma sectarisse falar em Revolução Tecnológica numa sociedade pós-industrial, isto é fantasia desviante da questão decisiva. Revolução Industrial em si, não identifica a problemática e uma Revolução Industrial que vá além do industrialismo, é mais enganosa ainda. A própria indústria é uma forma da produção material e como tal ela não tem “pós” industrial. O que ela de verdadeiro, essa expressão é de pós-industrial e pós-industrial mecânico. Hoje nós temos o industrial regido pela microeletrônica, pela informatização, pela automação, que é força humana posta contra o homem, mas que poderia estar e deveria estar a serviço do homem. Eu aqui obviamente me coloco numa postura totalmente crítica à *pseudocrítica* irracionalista a tecnologia, principalmente a Heidegger, que toma estes elementos como a desertificação do humano, isto é cretinismo filosófico e tem em autores contemporâneos, dos últimos trinta anos particularmente na França, os seus sujeitos condutores. Foucault, Lacan, Derrida, Lyotard, etc. Em contraste total, radical, absoluto com este perfil. Não! A tecnologia é até o momento o produto mais extraordinário da capacidade humana e como tal ele tem de ser encarado, como tal ele tem de ser absorvido, como tal ele tem de ser usado. Todo problema está em que ele não está funcionando numa lógica societária regida pela lógica dos interesses do

humano, mas ele está regido pela lógica dos interesses do capital. Ora, é por isso que ele ganha aspectos desastrosos, dramáticos etc.

É inerente ao sistema do capital, desde suas origens, o afastamento da produção material dos objetivos dos homens. É um traço fundamental. Quando o capital se instala, ele traz em seu bojo no esplêndido revolvimento de mundo que ele produz, ele traz este aspecto contraditório de sua interioridade. Então, a sua forma de ser enquanto ser do capital. Os objetivos da produção material, desde logo, se afastam dos objetivos materiais, dos objetivos dos homens, materiais e espirituais, ou seja, a que estou me referindo, pura e simplesmente é o seguinte: até o advento da produção regida pelo capital, os objetivos humanos, de uma ou de outra forma, pela liquidação mesma da produção material é que regiam o fluxo de dinamismo estreito das produções anteriores que estavam muito vinculadas e dependiam fundamentalmente da natureza, ou seja, todas as formações pré-capitalistas não, na produção material, portanto, na produção do homem, não eram capazes de estabelecer, de produzir os seus próprios pressupostos. Era a natureza que produzia os pressupostos. Evidentemente, ainda mais da fase mais longínqua até a proximidade do advento do capital, isto vai num determinado grau se modificando, mas o que a produção do pressuposto continuava sendo algo que fugia à capacidade ou controle humano e o humano foi aproveitando cada vez melhor isto, com mínimo, cada vez maior também, de autonomia, mas não gerava o pressuposto. A única formação social que gera o pressuposto de sua produção material é o capital. Por isso que Marx falava em *sociabilidade pura*, primeira formação social socialmente pura é o sistema do capital.

Mas esta configuração “sistema do capital puro” já trazia no seu bojo, além desta maravilha de produzir o próprio pressuposto, trazia este distanciamento, este afastamento entre produção material dos objetivos humanos. A produção material não é mais regida pelas necessidades do humano e passa a ser regida pela lógica das necessidades do próprio capital. Qual é a lógica das necessidades do capital? A acumulação ampliada. Não importa se o homem é capaz ou não de consumir isto ou aquilo, nem importa ao capital se o homem consome, o que importa é que ele precisa *realizar* a produção e se você consome ou não é absolutamente secundário. Daí a mistificação da ideia do “o consumidor”. Se você comprar uma camisa e transformá-la em trapo de enxugar o chão, para o produtor de camisa é exatamente a mesma coisa e assim todos os produtos. Se uma nação se exaurindo compra armamentos, apetrechos bélicos, mas usa isto pra matar barata, em vez de matar o inimigo, não fazendo guerra, para o produtor do armamento é exatamente a mesma coisa. O que importa é a lógica não do consumo autêntico do humano, ou do consumo inautêntico. Em verdade, vai se acentuar, no capital, o consumo inautêntico. Eu tenho uma geladeira ótima, formidável, mas eu não tenho mais assistência técnica, então a cada período eu tenho que substituir a geladeira inteira. Eu perco a maçaneta que custa 50 cruzeiros, mas eu tenho que comprar

uma geladeira de 100 mil, porque eu não tenho mais ninguém pra trocar a maçaneta. Claro, eu estou aqui radicalizando o exemplo, mas pensem num sistema qualquer no seu funcionamento e verão o que dá nisto. Hoje, um mecânico de automóveis não sabe recuperar uma peça. Elas já vêm blindadas, de modo que ele substitui como num jogo de quebra-cabeças. Olha, eu pagarei isto e todos nós que estamos condenados e condenados com prazer a ter carro, quebra um espelho, um espelhinho lá de fora, em vez de trocar o espelho, temos que trocar a peça inteira. O espelho custa aí 200, a peça custa 10 mil. Isto é uma das formas de reger a produção, pela lógica do capital e não pela lógica das necessidades, necessidades humanas.

Mas isto, hoje, é absolutamente universal do capital, mas isto não resolve. Tal é a acumulação ampliada que coisas desse tipo já não equilibram as necessidades do capital. Ele precisa de muito mais, aliás, há muito tempo que ele vem precisando de muito mais. Já a Rosa de Luxemburgo e outros trataram desta questão, a reprodução ampliada, porque a produção capitalista que, agora, tem como setor de equilíbrio a produção ilimitada, ela tem que, uma ultrapassagem da absolvição errática do consumo individual. Consumo individual ele é errático. Posso consumir mais, menos. Mesmo no consumismo ele tem um limite. Em vez de 5, 10 ou 15 camisas que já é bastante. Falar isso, então no Brasil é escandaloso. Como falar em 15 camisas, quando a maioria da população não tem nem uma. Mas 20 camisas e os biliardários ter 150. Se ele comprasse mais e tivesse 300, não dá pra atender a demanda interna da acumulação ampliada do capital. Pois é, o consumo foi formidável durante um certo tempo, mas já se esgotou. Não se organiza através do instrumento do Estado um consumo “x”, planejado e você pode jogar fora ou pode usar e joga fora não apenas usando ou jogando na lata do lixo simplesmente através da sucessão dos patamares de tecnologia, substitui por ser obsoleto, por ser maravilhoso; mas nem isto mais resolve. Contemporaneamente nem a produção do complexo militar-industrial é suficiente para atender as necessidades da lógica do capital. Isso já vem vindo de alguns tempos pra cá. Pra ser breve, hoje está instalada, como forma dominante da produção ampliada a produção destrutiva. Eu aqui adoto, na íntegra, a tematização que a respeito faz István Mészáros e nós publicamos naquele estudo, na forma de um caderninho, a *produção destrutiva* é a estrutura da produção atual. Não destrói os interesses do consumo autenticamente humano.

Continua claro, em parte ele usa isto. A gente compra um medicamento ou no setor cosmético isto é mais visível. A caixa é linda, a fita é magnífica, o pó, o cremezinho que tem lá dentro é o que menos custa. É o menos significativo. O laço você joga fora de imediato, a caixa também e o pote, se você colecionar, chega um momento em que você fica doido e você joga fora os potes também. Um aspecto elementar da produção destrutiva, estamos habituados. A mesma estória da geladeira azul, cor de rosa e através da propaganda, quem tiver geladeira azul a partir de

1991 está fora da contemporaneidade, não está *up to date*. É preciso, então, agora, ter a geladeira da outra cor. Tenho que ter também e pra isso tem um sistema de financiamento. Se um aumento da produção, não é irrestritivo e se for restritivo, se a recessão for forte de mais, eu injeto através do sistema financeiro, os meios adequados e gero uma inflação, mas todo mundo agora passou a ter geladeira azul. Pode ser geladeira roxa, a nova cor, a geladeira roxa, então, agora, será o ideal. Não é bem geladeira roxa que está na moda, é uma outra coisa. Menos tecnológica... E a televisão, aliás, num programa curioso do outro dia, entrevistava pessoas na rua, perguntando pra homens e mulheres, pras mulheres, por exemplo, o que elas achariam se os homens pintassem *aquilo* de roxo, de azul ou de verde. Eu to chamando a atenção para algo gozado, mas que é dramático. Mostra o outro lado. Quando se chega a este tipo de colocação, é porque alguma coisa não vai bem no reino da construção do homem. Alguma coisa tá fedendo. O que está fedendo é o conjunto humano. É a liberdade da *iliberdade*, da liberdade que não tem liberdade, porque ela não tem parâmetros, não tem valoração. Basta me referir aqui, por favor, não me levem ao pé da letra. Eu só posso insinuar a questão, a própria questão da libertação da sexualidade tal posta no mundo contemporâneo, é uma demonstração de *iliberdade* e não de liberdade. É claro que as coisas se misturam, na forma em que está posta, não no sentido da construção do homem, mas da destituição do homem. Numa outra oportunidade, a gente poderia até trabalhar isso de forma mais adequada ou, pelo menos, que eu possa mais me alongar.

A produção destrutiva, agora, não pode apenas destruir estas coisas que eu mostrei como insuficiência. O que o capital agora destrói são patamares tecnológicos. Ele liquida patamares tecnológicos para poder se repor de forma ampliada. Quando se diz que ele destrói patamares tecnológicos deliberadamente, dois pressupostos estão presentes: uma, ele é capaz de desenvolver tecnologia ao ponto em que o patamar inteiro pode ser substituído por outro e substituído não por necessidade humana, mas por necessidade pura e simplesmente do capital. Que quer dizer a destruição de um patamar tecnológico inteiro? Significa que é criada uma maneira de produzir tal que torna, na quantidade e na qualidade, obsoleto o sistema imediatamente anterior. Mais uma vez não vou poder me deter mais detalhadamente, já me referi ao texto do Mészáros, um texto curto, 100 páginas, de uma leitura relativamente fácil e, ao mesmo tempo, recomendo a leitura do livro do Mandel, que também publicamos. Vou ser garoto propaganda sim, é da militância. Do Mandel, “*A crise do Capital*”. Mas, quanto à produção destrutiva, esta é uma formulação do Mészáros que eu assumo integralmente, somos amigos pessoais, dos raros que se pode ter hoje no mundo num plano teórico. Essa produção destrutiva gera, então, esta dinâmica, ela liquida uma capacidade humana de produzir, por uma forma superior. Segundo: ela não o faz em função de necessidades humanas de

produzir de forma melhor e mais digna, ela o faz em função de necessidades desta acumulação ampliada.

Dou um exemplo e isso virá à flor da pele, vocês entenderão com tranquilidade: sem dúvida nenhuma diante da tecnologia contemporânea industrial, o Brasil que foi até pouco tempo atrás um país de mais alto desenvolvimento técnico-industrial, até uma década por aí, seu parque industrial é o mais completo e mais rico de toda a América Latina e neste sentido, de toda a África e maior e melhor do que todo o parque industrial da Ásia, este equipamento, este patamar tecnológico brasileiro, hoje, é chamado de obsoleto, hoje é obsoleto se a economia brasileira é pensada como uma economia puramente no interior do mercado mundial. Realmente, o sujeito que lá no Sul, no Rio Grande do Sul vai a Pelotas, em Caxias do Sul ou no interior de São Paulo, não lembro agora a cidade... Dois grandes produtores de calçados no Brasil, Franca, isso, Franca. Franca e Novo Hamburgo, sem dúvida nenhuma. São algumas cidades, que se poderia caracterizar, tipificar... Se eles continuarem a produzir com a mesma maquinaria formidável de 10 anos atrás, o que acontece? O produto não é competitivo. Mas se for para fornecer calçado excelente para o Brasil, toda a América Latina, África e Ásia, ele é excelente. E poderíamos ficar com estas máquinas por mais 10 ou 20 anos e substituir essas máquinas gradativamente, num programa adequado. Não querem substituir essas máquinas por necessidades complementares, querem substituí-las e irão, por razões, simplesmente, da formação num nível dinâmico do desenvolvimento do mercado mundial.

Olha esse monstro que está aí. O que é tecnologia? É energia humana. Quando se destrói um patamar tecnológico, se destrói energia humana. E se desassossega inteiramente, se coloca em crise todo o sistema de produção e conseqüentemente, todo sistema de vida societária, portanto, individual, inclusive, da maior parte do mundo. Nós estamos vendo a Argentina já há um quarto de século ser demolida neste sentido. O processo da Argentina é um processo de demolição. O primeiro processo de demolição na América Latina foi o Uruguai, chamado na década de 1930/1940, de “Suíça latino-americana”. Hoje é um quintal, quando muito, um pequeno parque, para uso e abuso da população envelhecida. A dessubstanciação humana e societária dessas sociedades é claríssima. No Uruguai, populações inteiras saíram à busca de melhores condições. A Argentina tinha importado a mão-de-obra. Uruguai, hoje exporta. Os argentinos caem fora. A Argentina, que foi e, sob determinados aspectos e continua sendo, o nível civilizatório mais alto de toda a América Latina e de todo o terceiro mundo. Basta uma rápida visita a Buenos Aires, não apenas na dimensão de turista, mas que entre um pouquinho nas coisas e verá a espessura civilizatória do “porteño”. Claro, com seus lados também exóticos e até desagradáveis, mas não é a toa que os argentinos na década de 1940 e até mesmo 1950, se referiam aos brasileiros como “los macaquitos”. Éramos os símios, face ao nível tipo europeu que eles tinham alcançado.

Isso é muito mais longo, eu gostaria de discutir isso em detalhes. Podemos discutir o texto do próprio Mészáros. Associar isto com tematizações do Marx. Pra completar este ponto: a imagem teórica disto é que o capitalismo resolve tudo, o capital é eterno, perfeito, trata-se, simplesmente, de completar essa perfectibilização. A chamada modernização, tal como foi posta na América Latina, especificamente no clima brasileiro atual e argentino tem o seu segredo decifrado a partir deste modo. Acontece que, no entanto, há outros aspectos contraditórios. Um dos aspectos é o problema da crise estrutural. Crise estrutural marcada por este ponto e o aspecto mais visível desta crise é o sistema financeiro internacional. Inteiramente falido há pelo menos duas décadas. Os Estados Unidos continuam e, hoje mais do que nunca, com a derrocada do leste europeu, com a Guerra do Golfo, guerra absolutamente desnecessária, absurda, não porque Sadan Hussein seja qualquer aspecto positivo, como conjunto, obviamente, facinoroso, uma expressão, a última provavelmente, da manifestação do barbarismo. Um barbarismo que tem uma mola propulsora, no entanto, legítima; o problema da identificação nacional. Não identificação meramente como cultura, mas como “quem come e quem não come” neste país, identificação começa por aí, “quem mora e quem não mora”, “quem veste e quem não veste”. Quando falar é uma última expressão do nacionalismo árabe é verdadeiro, mostra, inclusive, esta forma de luta, inclusive esta, definitivamente varrida da face da Terra. Contraditória, levando expressões de terror, enfim, ela não formula qualquer lamento no sentido da construção do homem, mas esta guerra, esta guerra é resultado de um *blefe*, visivelmente um *blefe*. É uma guerra impossível, porque é impossível o Iraque ganhar a guerra mundial. O primeiro raciocínio era posto nestes termos quando era indagado: vai haver guerra ou não, até o último instante, até o primeiro míssil, não vai haver, porque o Iraque não pode ganhar a guerra mundial. É o óbvio. Hoje, está sabidamente que Hussein não acreditava na guerra, mas a leviandade e mais do que tudo, mostra hoje a incompetência em termos de análise de realidade. Até o último instante acreditou que não seria desencadeado o ataque. Isto está absolutamente provado. Não podia ser de outro modo.

Nós chegamos, para poder fechar este aspecto, a finança internacional interferindo e em função da finança internacional, esta guerra é meramente política, de afirmação de uma liderança única, exclusiva dos Estados Unidos. Todo este século conheceu uma dupla liderança, um mundo dividido, definitivamente, agora, a liderança é uma só e a crise financeira está ligada a isso. Os Estados Unidos são, enquanto nação a mais avançada em termos de riqueza do mundo, porém totalmente inviabilizado do ponto de vista financeiro, estrutural-interno. Se somados os déficits públicos, as dívidas e tal... Acontece que aquele país não subsistiria 24 horas por contra própria. Ele é subsidiado financeiramente não só por todo o terceiro mundo, financiado pela Alemanha, pelo Japão etc. Mészáros tem nessa “*produção destrutiva*” uma expressão deliciosa: um imperialismo

“de cartão de crédito”. E é este o problema e isto que ele é mais conhecido que eu, o Mészáros, ele diz no momento em que o terceiro mundo não puder pagar nada daquilo que ele deve e os japoneses etc. seguirem no limite de uma impossibilidade, o sistema financeiro internacional está liquidado. Acontece que os japoneses, alemães etc. até o momento pagam e pagam com prazer, porque eles pagam para garantir os mercados, sem os quais eles não subsistem enquanto sociedades industriais, porque nem a Alemanha, nem o Japão podem sustentar a sua produção ampliada com o mercado e consumo seu, nem o europeu. A corrida pelos blocos é que a produção chegou a um nível tal de desenvolvimento em que localmente, mesmo regionalmente é insuficiente o mercado, é preciso um maior. E nós vamos assistir e já estamos assistindo a guerra dos blocos. Então essas brincadeiras dos tigres asiáticos, tudo vem em função disto. A crise estrutural, portanto, é uma crise gerada pelos aspectos mais positivos e mais formidáveis do capital, sob a capacitação tecnológico, chegando, então à produção destrutiva - capital que queima capital - e capital -, capital que financeiramente é insubsistente a não ser através de um círculo vicioso que, nesta forma tão jocosa do Mészáros, volto a repetir, funciona a partir do imperialismo de “cartão de crédito”.

O resultado disto para o homem é, não queria tratar disto, apenas apontar, em torno do egoísmo racional, chega hoje às configurações da destituição do homem e o homem em vez de prosseguir, de levar à frente, conter as barragens que impedem a sua autoconstrução, ele é levado a identificar-se em torno do homem num contexto, numa forma, numa figura de animalidade disfarçada. Só posso deixar apontado desta forma. Segundo aspecto: a crise total do pós-capitalismo, ou melhor, o desmoronamento do *pseudosocialismo*. É teoricamente estabelecido por Marx que o socialismo é impossível a partir da pobreza. Essa tematização só pra citar um texto, ela se encontra em várias, não há uma obra, um artigo sequer pra gente voltar pra isso, mas desde pelo menos *A Ideologia Alemã*, já na primeira parte, que todo mundo só lê, quando leem, hoje quase ninguém lê, mas aqueles que leem, eles leem a parte de fora, não leem as outras partes. Mas na própria parte de Feuerbach, quando ele trata do comunismo, ele mostra, está nos dois textos meus, também referido, posso ser bem ligeiro, apenas referir à ideia central, é o seguinte: transição socialista é transição *para além do capital*, isto subentende um mundo imenso de riqueza e, de outro lado, um mundo acumulado de pobreza. Este mundo da pobreza destitui, desapropria o mundo de riqueza, sem um mundo de riqueza, riqueza material e espiritual, explicitamente sob a forma de cultura, é impossível o trânsito e se tentar, ele reporá – se me perdoem a palavra – ele diz “a merda passada retornará” e ainda pior. O leste europeu demonstra isso. Toda a experimentação do leste europeu é precisamente aquilo da tematização marxiana de 1846. Diz ele, Marx, o empreendimento socialista é o empreendimento de países livres, mais avançados que arrastam o resto da humanidade. Não é a iniciativa de um país isolado, mas do conjunto dos países mais desenvolvidos.

Sei que tudo isso é passível de “n” discussões e esse século XX tentou desmentir isso e essa questão, hoje, é uma das questões, sem dúvida nenhuma, importante a ser considerado. No entanto, é preciso aqui configurar plenamente esta ideia.

A partir da pobreza se repõe a pobreza e sua forma, porque se repõe as necessidades, as carências e com isto se repõe, ainda, uma situação mais trágica do que a anterior. Nós estamos assistindo isso no mundo inteiro e não precisa ir mais longe, basta olhar direitinho a União Soviética. Mesmo descontando os excessos intencionais da imprensa internacional, que acentua certos aspectos e nunca dá uma visão de conjunto [...] O stalinismo é uma degenerescência. Não a degenerescência de um indivíduo, mas a degenerescência de toda uma parcela de humanidade. Não é preciso ter o “monstro” inteiro na frente, mas quando a gente lida, ou lidava, com populações, com indivíduos representativos do leste europeu, notava que alguma coisa era estranho. Porque melhor, o pior soviético, o melhor cidadão da RDA ou da Bulgária era, na melhor das hipóteses, o classe média dos Estados Unidos da década de 1950, com as mesmas aspirações, os mesmos defeitos, os mesmos vícios etc. E isto eu me refiro à uma experiência minha de fim da década de 1970, ter vivido 02 anos num país da África: Moçambique, do qual eu guardo lembranças muito interessantes, mas que foi o final do meu aprendizado desta teoria: é impossível, absolutamente impossível, é delirante, a ideia de socialismo a partir da pobreza. Mas não precisa ser um grau de pobreza, em que o colonialista português deixou Moçambique igual etc. Não! Mesmo em níveis de pobreza menos agudos e menos ostensivos, como a pobreza asiática do leste europeu, é este o ponto.

O que aconteceu nos finais do século passado, início deste? O capital, pelo seu desenvolvimento, conseguiu, não vou poder me referir a isto aqui, desviar as contradições típicas de seu sistema para a periferia, ele faz um deslocamento. O imperialismo não é apenas a exportação e através dele a dominação econômica das áreas, mas ele é exportação das contradições. O centro, dos países mais desenvolvidos, se livra momentaneamente das contradições, neste momento da virada do século e é da periferia que as rupturas em função da agudização das contradições se tornam possíveis. Os grandes - poucos - homens lúcidos que dirigiram a Revolução Russa, me refiro com grande entusiasmo a um nome hoje jogado na sarjeta, dois nomes: um Lenin e um Trotsky, jogados na sarjeta. Hoje, simplesmente a presunção principalmente sulista, mas hoje mundial, fala do autoritarismo: esta palavrinha sem sentido científico, que não explica absolutamente nada, simplesmente reduz um talento, realmente de primeira grandeza de pensador social, não de filósofo, como o Lenin a ele ter impulsionado a este terreno por necessidade, de modo geral, no plano político, reduz um pensador social a um simples mequetrefe, um simples lutador, uma grande bobagem. Mas, enfim, um Lenin, um Trotsky e muito poucos outros, sabiam e isto está no texto, de

que era impossível por conta própria uma transição socialista na Rússia asiática. É dele esta expressão, o atraso russo é um atraso asiático, nós vivemos numa sociedade asiática, precisamos que um país desenvolvido faça a revolução e nos puxe, assuma a direção e esperaram a revolução alemã e ela não aconteceu. Todo episódio de Brest-Litovski vem em função disso. Ela não veio, resultado, como diz Isaac Deutscher ou se fossem santos, ou então idiotas se chamariam o czar de volta, mas o czar eles tinham acabado com ele, tinham fuzilado, então não dava pra chamar o czar, então eles tinham que chamar alguém tipo Kerensky, só se fossem santos ou se fossem idiotas.

O que é importante ressaltar aqui é o seguinte: como periferia do sistema do capital, a este capital extremamente subdesenvolvido, a União Soviética, num dado momento, configura a situação de um elo débil desta cadeia toda, desta cadeia mundial. Como é possível o rompimento com o sistema do capital? A ruptura, mas se tornou evidente que se a ruptura era possível, o trânsito para além do capital era impossível, porque em dados níveis de pobreza, realmente é impensável o trânsito. O que aconteceu então? Isto vem desde o começo e Lenin deixa entrever da sua enorme angústia diante do que se está constituindo. Claro, ele começa, ele só percebe de saída lados assim mais tópicos, o burocratismo, ele tenta resolver isso com apelos éticos, com disciplina política e isso não resolve. Morre angustiado, radicalmente angustiado com o quadro posto na realidade. O elo débil não podendo transitar e tendo rompido, cria-se uma situação que eu tento caracterizar já ao longo da década de 1980, como eu não me dedico exclusivamente a isso, vai aparecendo aos poucos, que é o seguinte: a sociedade do leste europeu conseguiu politicamente romper com o capitalismo, mas não superou o capital.

Isto está totalmente dentro da teoria do Marx que também não vou poder me deter. A questão, o processo de transição, não é um processo político, é um processo social. O que importa é a construção social da transição. E ela não se dá através de formas de poder e de exercício da política, porque a política é incapaz disto. Em primeiro lugar, a política, o Estado político centralizado tem que ser destruído junto com a propriedade privada. Esse é o pensamento maduro do Marx, não é o jovem Marx. Eu vou brevemente lançar um estudo breve, publicado pela primeira vez em português, numa das raras vezes no mundo que se publica os trabalhos preparatórios do Marx para escrever *A Guerra Civil na França, 1871*. É o Marx depois de ter publicado o Tomo I de *O Capital*. A revolução, diz ele explicitamente neste texto, é a revolução *contra* o Estado. A ideia do Estado proletário é um absurdo do ponto de vista marxista. A necessidade da *destruição* do Estado centralizado imediatamente. Não é uma questão de esperar consolidar uma nova sociabilidade e aí então se desfazer, porque o Estado não pode ser a não ser o Estado como elo, como momento da afirmação do capital. Porque o Estado propriamente dito nunca existiu antes da sociabilidade do capital. No pré-capitalismo não há o Estado verdadeiro como Marx já coloca desde

a juventude. O Estado como tal só existe no sistema do capital, portanto, ele não é uma universalidade. Portanto, ele não é uma coisa perfectibilizada. O Estado “perfeito” é o Estado democrático, o Estado limitado de base limitada. A democracia... Fala-se de um tempo pra cá de democracia como valor universal, confundido democracia com liberdade, fazendo uma identidade espúria. A liberdade humana está para muito além da democracia, porque a democracia de qualquer forma é uma forma de dominação, por menos perversa que ela seja, ela é dominação. Enquanto houver dominação, não pode haver transição. Esse aspecto, eu teria grande prazer, de expor isso num momento adequado.

O que acontece no leste europeu? O inverso. Como não dá pra transitar pela pobreza para a revolução social, intensifica-se e amplia-se por necessidade o Estado. Ele impõe, na aparência, aspectos e dimensões para além do capitalismo, por exemplo: ele quer instaurar a sociedade solidária não a sociedade que se mede as pessoas pelo valor de seu trabalho, pelo mercado, uma sociedade para além do mercado, ou seja, onde as necessidades humanas sejam atendidas, comer, saúde, escola, garantida. Ora, quando isto é garantido não a partir de base material, mas por decreto político, o que acontece? Mesmo quando se atinge um determinado patamar de desenvolvimento econômico, gera-se a iliberdade do trabalho, isto é, liberdade da não liberdade. Porque o sujeito, o trabalhador, se aproveita desses benefícios, mas ele não exerce a responsabilidade da liberdade e a liberdade há, ainda em primeiro lugar, responsabilidade. Que ele faz? Quanto menos ele trabalhar, melhor; quanto menos ele fizer, melhor. [...]

O idealismo não é uma mera corrupção ocasional de cabeça desviada, é quando você não sabe e não pode, você projeta por uma especulação, isso dá origem ao idealismo. O idealismo quer afirmar pela especulação uma potência humana. Eu falo dos grandes idealistas, eu falo, principalmente, do idealismo clássico alemão, Kant, Hegel, especialmente num Hegel, Fichte, mas a base disto é o quê? A base é uma impossibilidade de realização, então, é uma espécie de antecipação do Sartre, é uma espécie de subjetivismo compulsivo que tenta derreter a realidade e nesse sentido tem um grande mérito, mas induz a grandes ilusões.

No leste europeu, não podendo transitar para a revolução social, o Estado obrigatoriamente se amplia, ele passa a ser uma presença em todos os poros da sociabilidade, ele infernaliza a vida em todas as dimensões, ele se torna um Estado policial e terrorista, visivelmente. O Estado é anti-humano e não tem solução para isso, não tem como resolver isso. Não é possível transformar um Estado num Estado de tipo kantiano, baseado no homem justo e racional. Já em 1843, no começo de sua elaboração, Marx, ontologicamente, determina contra Hegel: o Estado racional é impossível. Por quê? Por que o Estado é o Estado de uma sociabilidade irracional, que é a sociabilidade do

capital, o Estado é o Estado do capital. Ele não é uma universalidade para além das formas de produção. A política não é uma dimensão como atributo universal do homem. Em verdade, é o contrário. Com a dimensão política, o homem não completa o seu por-se-homem enquanto ser. É preciso se libertar da política. Os textos que eu mencionei há pouco, do Marx sobre a Comuna de Paris, ele, é a última palavra sobre essa questão que ele dá até a morte. Ele nunca tinha dito como isso deveria ser, ele dizia que isto era a perspectiva, mas com a Comuna de Paris, ele que é o espírito ontológico fundamental, ele não faz projeções subjetivas, mas a subjetividade dele se posta diante do real e *extrai* a lógica do real, ele da Comuna de Paris, extrai a forma de realização da destruição do Estado pela imediata substituição do Estado centralizado que é *destruído* pelo poder comunal, que já não é o Estado. É um poder político, mas que já não é mais o poder político do Estado: o Estado que não é Estado, diz ele até no texto que veio a público e as pessoas simplesmente, passam rapidinho por cima disso. Ora, já no *18 de Brumário*, tem a mesma ideia, numa linha – num dá pra entender – eu vou mostrar desde 1843, neste texto que estou preparando, até 1871, em Marx com a *Crítica ao Programa de Gotha*, que a extinção do Estado é uma necessidade revolucionária fundamental, sem a qual não há revolução, não há transição. O século XX mostrou o contrário e não mostrou porque o Lenin se enganou ou o Trotsky se enganou. O Trotsky não sabia muito disso e volta e meia ele não ia até o fim, não compreendia isso. Ele sabe como a revolução... Faz uma acadêmica, bela... Bela exercitação acadêmica de que o Estado precisa desaparecer, mas parece um capítulo, é como uma monografia, o que vem depois tem algum vínculo com aquilo, ele registra a ideia, mas ele não pode executar nem minimamente essa ideia.

Agora, chegamos ao leste europeu, aquilo não é nem capitalismo e nem socialismo. Chegamos a uma sociedade não-capitalista, porque não tinha propriedade privada e não tinha mercado, mas é uma sociedade regida pelo capital, sob a forma de um Estado que tentava, ilusória e progressivamente de forma truculenta afirmar um poder para além do capital. Ele gera - como eu já disse - a iliberdade do trabalho, a irresponsabilidade do trabalho e chega, então, ao quê? Na medida em que o trabalho é irresponsável e na medida em que não tem mercado, este capital que continuou presente e regendo a vida do leste europeu se atrofia, estagna. Este capital estagnado e atrofiado precisa do mercado para poder continuar: *perestroika* e *glasnost* são a tentativa de se antecipar diante do desastre eminente, como todo o último ano nós vimos, a repor formas, sucumbir as formas capitalistas de economia e do Estado e é incrível como alguém ainda conseguia ver na *glasnost* e na *perestroika* a promessa ou a possibilidade de um aperfeiçoamento do socialismo. Esse babaca do PCB, que foi candidato a presidente, que nunca leu uma linha do Marx, ele é um insulto a qualquer inclinação marxista, como é que ele chama mesmo? Roberto Freire... Vem me falar na renovação

do socialismo, ou como esse José Genoíno que pode entender de espingarda da década de 50, mas de reflexão marxista não tem a mínima...

O que há é uma recomposição do capitalismo, isto é, todas – e no caso dos países - as antigas democracias populares, elas recompuseram rapidissimamente, claro não do ponto de maturação em que querem, porque estão dependendo da vazão de recursos do ocidente e, até banco, eu li anteontem, foi fundado um banco intereuropeu... Com a presença, se não me engano, com a presença do primeiro ministro inglês, do ponto de vista financeiro tem lá seu significado, muito menor do que BIRD, FMI...

A tragédia, a dupla tragédia da Comuna de Gdansk, em princípios da década de 80. Foi a última esperança que tive, se era possível o leste europeu se repor, se reciclar, não na direção de uma recomposição do capitalismo, mas uma tentativa de corrigir o monstro que tinham criado. Me manifestei, por escrito, de cara, simpático à movimentação do Solidariedade³ e redundou no que redundou, num anticomunismo danado e, inclusive, não apenas por responsabilidade e solidariedade dessas pessoas, mas pela incapacidade teórica fundamental deste século dos PCs, dos PCs dominantes e mesmo dos partidos que reivindicam a herança do marxismo, mas que não dão um passo à frente. Têm algumas pessoas razoáveis, eu me refiro ao trotskismo, por exemplo. Quanto às tendências que estão hoje dentro do PT... São cadáveres que se supõem o futuro. A Articulação⁴ sim, a Articulação é um “socialismo”, entre aspas, é um socialismo não marxista, como isso não pode existir, então o PT é aquilo que não existe, é uma afirmação simplesmente política.

Quando a questão se mostra aqui, como o leste europeu tendo um dos aspectos, uma das dimensões fundamentais do desastre do leste europeu que tem como traço: não é a política errada, ou a política a qual faltou este ou aquele ingrediente, é o excesso de política. Porque a política, do ponto de vista revolucionário, Marx deixa isso realmente muito claro, mas o século não entendeu isso e dá pra explicar porque não entendeu... A política revolucionária é a política que desfaz a política. Eu não estou pregando aqui nem o sentido da extinção anarquista do Estado que é uma ideologia e uma teoria da ordem do capital, o anarquismo é um pensamento derivado do capital, não é um pensamento derivado da perspectiva do trabalho. O primeiro a pensar nesse sentido, foi um nome muito anterior ao Marx, Fichte. É o primeiro a falar da necessária extinção do Estado, só que

³ *Solidarnosc*, em polonês. Trata-se de uma federação sindical polonesa fundada a 31 de agosto de 1980 no Estaleiro Lênin (atual Estaleiro de Gdansk).

⁴ É Articulação, denominação de uma tendência do PT à época. Articulação — Unidade na Luta (AUNL). Trata-se da designação adotada a partir de 1993 pela principal tendência interna do Partido dos Trabalhadores (PT). Diz respeito à corrente hegemônica no partido desde praticamente sua fundação em 1983, quando era conhecida como Articulação dos 113 ou simplesmente Articulação. Atualmente, a AUNL integra um campo de forças no PT denominado Construindo Um Novo Brasil.

ele se embananava tanto que cada linha que ele escrevia, ele complicava mais e fortalecia a existência do Estado, porque ele não entendia *ontologicamente* o que era o Estado. E o Estado o que é? O Estado é a usurpação de energias sociais que são alienadas da sociedade. Isto é a determinação do Marx. O que é o Estado? É o coágulo de energia social usurpada da sociedade, a extinção do Estado é a recuperação dessas energias pela sociedade, pelos homens. Isto não ocorreu no leste. O elemento decadentista está inteiramente posto, a restauração capitalista com maior ou menor velocidade está aí configurada.

Eu preciso terminar, mas não posso, evidentemente, deixar de referir um terceiro e último ponto. Estou saltando aqui coisas, o esqueminha já é mínimo, no entanto, se prolongou, mas só para dar o fecho. Posto nestes termos, parando aqui, bom... Não há mais nada a fazer. Eu tenho desenvolvido desde fins da década de 1970, uma tentativa teórica de compreensão da realidade dos países do terceiro mundo... Quando fui a Moçambique escrevi, esse livro meu estava já publicado⁵. Eu chamo a via de objetivação do capitalismo no terceiro mundo de *via colonial*. Eu acompanho nisso, clássicos: obviamente o Marx que chamava o desenvolvimento francês e inglês de *clássico*, verdadeiras revoluções, o desenvolvimento alemão, o quadro alemão, ele chamava de *miséria alemã*, simplesmente porque se retardava, era incapaz de implantar, de objetivar o capitalismo; o Lenin virá a chamar a miséria alemã do Marx de *via prussiana* e, na década de 1960, alguns, brasileiros, que tínhamos descoberto e seguíamos certas linhas do pensamento lukacsiano, alguns, não eu, tentaram transferir a via prussiana para o Brasil. Isso foi depois de 1964, depois do golpe de 1964, porque antes o PCB simplesmente tentava reduzir mecanicamente o que era válido para os países de ponta num esquema para o Brasil. Isto naufragou, então alguns tentaram colocar via prussiana. Eu me aproximo dessa questão da via prussiana, porque tá aqui uma questão metodológica, *ontológica e metodológica*: o problema da lógica da particularidade, as objetivações no mundo real se dão por formas diferentes, por graus diversos da universalização. Então, ele se dá pela forma da particularidade. Não dá pra esclarecer o que é isso, é uma chave da questão da compreensão da questão metodológica e, na realidade, formas particulares que a coisa se põe. Pode-se distinguir a forma clássica, Inglaterra e França; uma forma não clássica e que é retardada, onde o capital, a burguesia não tem capacidade de instalar o capitalismo, Alemanha e Itália e há uma terceira, que eu propus, na década de 1970, com a devida prudência científica e que hoje eu afirmo mantida a prudência científica, como inteiramente configurada, é a via colonial. A via colonial de objetivação significa que o capitalismo se objetiva em dados lugares, África, Ásia, América Latina, por influxo e determinação do desenvolvimento do mercado mundial do capital nos países centrais.

⁵ Trata-se do Livro Integralismo de Plínio Salgado publicado em primeira edição no início de 1978 pela Livraria Editora de Ciências Humanas de São Paulo. Em 1999 foi publicado uma segunda edição pela editora Ad Hominem e UNA Editora.

Ou seja: o capitalismo vem parar no Brasil, na Argentina, certas regiões da África, certas regiões da Ásia, não por um desenvolvimento interno de suas forças, mas pelo aparecimento de fora. Consequentemente a isso: as burguesias dos países desse tipo, são burguesias *inacabadas* e *inacabáveis*. É o capital inacabado e inacabável. Portanto, ele é um feto monstruoso, ele cresce, ele engorda, desenvolve, mas ele não consegue nunca a chegar ser adulto. Ele é monstruosamente fetal, mesmo na velhice. Pior, portanto, do que a burguesia alemã porque a burguesia alemã acaba por realizar aquilo que Engels chamava das tarefas econômicas, mas não realiza as tarefas políticas. No caso de um país como o Brasil, a burguesia não realiza nem as tarefas políticas e nem as tarefas econômicas.

Não há democracia nem no sentido mais simples e formal, realizada no Brasil a partir da lógica do capital. É uma ilusão, ilusão dantesca. Nós estamos vendo aqui, eu vinha dizendo isso, muito antes, por escrito, desde 1977⁶. Toda a oposição brasileira caminhando no sentido da democracia, da constituinte, nunca fui contra a democracia, nunca fui contra a constituinte, mas mostrava e tenho os textos para provar - estou recolhendo todo este material e vou publicar num livro até o fim do ano – mostrando que isso não resolveria nenhum problema brasileiro. Eu me sinto inteiramente confirmado pelo processo concreto... Está aí o “homem do roxo”⁷, mostrando que através das formas eleitorais, se realiza o grande objetivo da ditadura de 1964: a internacionalização subordinada do país à economia central.

Claro a minha posição é uma posição ingrata. Eu sou, já me disseram isso outras vezes, eu sou uma metralhadora giratória, eu saio dando tiro pra tudo quanto é lado, não por gosto, ao contrário eu gostaria de atirar rosas [risos], mas sou obrigado, por uma responsabilidade intelectual e humano-política a despejar tirombaços, constantemente. Não podendo, Brasil, Argentina, países africanos etc. da perspectiva do capital, armar uma democracia e uma resolução econômico-societária minimamente conveniente à sua identificação nacional, é só da perspectiva da lógica do trabalho que isso pode se pôr. É outro aspecto, extremamente delicado, que fica um dia em algum momento. Eu estou sempre pensando na colocação inicial da Lucila, de que é só um começo e nós estamos à disposição e eu volto a reafirmar, pra receber todas as críticas de vocês, mas isso subentende ter a oportunidade de colocar certas coisas.

Como o trânsito ao socialismo, hoje, é impossível, não porque não haja bases materiais, não haja condições objetivas, condições objetivas para o socialismo são mundiais; mas não há a menor

⁶ Trata-se do artigo intitulado A “politicização” da totalidade: Oposição e discurso econômico, publicado em 1977 pela revista Temas de Ciências Humanas.

⁷ Refere-se ao Collor

nem a mais longínqua condição subjetiva... E sem isto, não há revolução. Não é aglomerando uma multidão de famélicos que se faz a revolução, definitivamente não; e a vanguarda, hoje, do trabalho não é mais o trabalhador fabril do século XIX, portanto, a opção pelos pobres – com todo o respeito à expressão – é absolutamente insuficiente. Eles não oferecem a perspectiva de futuro, o trabalhador mesmo da máquina mecânica não é a vanguarda do trabalho, definitivamente não é. Nesse sentido, fora do espírito daqueles que deram décadas atrás “adeus ao proletariado”, se o proletariado é sinônimo do trabalhador fabril do estágio tecnológico da mecanicidade, tudo bem, adeus àquele, mas não é adeus à perspectiva do trabalho. É impossível dar adeus à perspectiva do trabalho, porque se eu dou adeus à perspectiva do trabalho, se eu suponho o trabalho como extinto, o homem estaria extinto! Não existe homem sem trabalho. O homem é posto, desenvolvido pelo trabalho. Não há materialização de homem, seja carnalmente, seja espiritualmente, sem trabalho. O trabalho é a atividade fundamental do homem. Não o trabalho como meio de subsistência, mas o trabalho como autoconstrução, subentende trabalho material. Essa perspectiva não dá pra superar, mas não é simplesmente reafirmando o grotesco hoje em dia! O campesinato que trabalha com enxada curta na África ou no nordeste brasileiro ou, o trabalhador da fábrica que opera num tear ou um torno mecânico ou o estivador que carrega ainda – absurdamente – sacos... Estes não são a vanguarda do trabalho, estes são o rebotalho da retaguarda, estes são – lamentavelmente – os suprimidos da história. Eles poderão ser e deverão ser, pela invocação de sua miserabilidade, uma massa a ser puxada, mas a perspectiva é dada pela ponta do trabalho! E a ponta do trabalho, hoje, está e precisamente naqueles que não tem a menor intenção consciente de uma transformação social. O trabalho hoje de ponta é o trabalho daqueles que constroem computadores, operam computadores, mexem com a química fina, que elaboram a automação. Essa é a ponta do trabalho! E ou nós colocamos a perspectiva do socialismo a partir disso ou não temos perspectiva nenhuma!

O que não quer dizer, não protestar e não denunciar a miserabilidade reinante no mundo contemporâneo, rico mundo capitalista onde o Brasil é a oitava ou nona economia do mundo. Dá pra medir não a riqueza do mundo, mas a pobreza do mundo, se este país é a oitava ou nona economia do mundo, este mundo é um mundo de miseráveis! Observados algumas exceções, alguns bolsões. A perspectiva do trabalho é, na América Latina e eu diria para ser prudente, especificamente, em termos de Brasil, mas eu não tenho maior dificuldade em generalizar -, aquela que pede por uma alternativa – eu tenho pedido desde 77 – uma alternativa de política econômica para o país. Quando o PT surgiu ele dizia que não queria ouvir falar sobre isso, que não estava aí a fim de administrar a crise do capitalismo. Nunca vi uma coisa mais burra do que essa. Burrice da qual, obviamente, os representantes atuais no Parlamento não se livraram, haja vista as pequenas molecagens, hoje, do Aloysio Mercadante. A subcultura da economia, posto como economista de

vanguarda! Ou César Maia, até melhorzinho que o outro, mas não é com isto que se dá um único passo.

A perspectiva do trabalho é aquela que pode ser responsável por uma reordenação do sistema de produção sem mudar, ainda, o modo de produção. Olha outra sutileza. Não é possível pensar em socialismo, em trânsito para o socialismo, mas é possível pensar numa coisa extremamente problemática, tensionada que é a mudança do sistema de produção, sem mudar o modo de produção. Que significaria isso? Ordenar a produção de propriedade capitalista em função das necessidades do conjunto da população. Isso que eu chamo de identificação nacional. Os Estados não estão suprimidos e o capitalismo não suprime Estados, mesmo formando blocos regionais e a Europa unificada não é a Europa internacionalizada. É uma distinção que tem que ser feita com muito cuidado. Qualquer forma mais ou menos equilibrada e mais ou menos coerida democracia no Brasil, só pode se dar a partir da perspectiva do trabalho e não a partir da perspectiva do capital.

Tenho convicção de que daqui pra frente todas as formas da ação política e sindical terão que ser mudadas. Não é repetir o “modelão” do século XIX, claro, recolher o que tenha de positivo a nível principalmente de alguns princípios, mas a reordenação capital – capital eu quero dizer fundamental – da forma de procedimento é um impositivo, o que subentende o resgate do autêntico pensamento do Marx, pra concordar ou pra discordar. O Marx é aparentemente o autor mais influente deste século, é o autor, em verdade, mais ignorado deste século! Principalmente por aqueles que, em organizações políticas, subentenderam estar reivindicando a sua herança e o destino da obra teórica de Marx foi inteiramente perverso, a partir até mesmo do seu amigo de quarenta anos, o Engels, que, na dimensão filosófica, não foi capaz de entender o que Marx colocava. Os erros filosóficos, mas não só filosóficos, do Engels, se transmite, porque são textos mais fáceis, para uma certa universalização, o Lenin, inclusive, naqueles seus escorregões e alguns escorregões sérios do Lenin em função do Engels, por fim, o stalinismo enquanto pensamento é a consagração dos erros contra o resto da teoria. É perverso, é muito perverso. O resgate do pensamento marxiano, efetivo, é uma tarefa que mal está começando, eu não seria capaz de indicar mais do que meia dúzia ou dez pessoas no mundo inteiro dedicados a isso!

Enquanto isso, por quê? A *pseudoesquerda*, ou melhor, hoje *pseudoesquerda*, mas a esquerda que morreu, temos que admitir, a esquerda enquanto tal morreu! Está morta a esquerda tradicional do ponto de vista político e ideológico. Mas resta ainda a perspectiva do trabalho que necessita se colocar, mas ainda não se colocou enquanto agente social. Hoje o que se chama de esquerda é simplesmente não uma posição “de” esquerda, mas uma posição “na” esquerda, isto é,

ocupando o espaço mais radical na lógica política do capital. Isto é PT, PDT, etc. isso é socialdemocracia. A recuperação da teoria é uma tarefa prática fundamental, com isso eu não estou querendo, de forma nenhuma, gerar a proposta, nem de longe, de uma desmobilização, nem que ninguém saia de seus organismos, o que eu quero é que cada um, que pertence a isto ou aquilo, leve essas ideias lá pra dentro. Não que ninguém saia, mas uma espécie de ser, que seja a substância e, cada um de vocês levem pra lá, não saiam de lugar nenhum, não é uma proposta de desmobilização. Este resgate da teoria marxista é extremamente complicado, porque subentende reescrever, inclusive, toda a história, no mínimo, a história teórica, a história política, a história social, no mínimo, dos últimos 300 anos. É uma tarefa a longo prazo, mas alguns resultados, algumas antecipações podem e devem ser feitas e o fato dela ser em longo prazo não implica em desmobilização imediata. Mas, eu diria, hoje é preciso pensar a partir do princípio da política que desfaz a política, ou seja, entender com Marx que a política é apenas instrumento, não tem objetivos próprios e os seus objetivos são simplesmente negativos, ou seja, a política só desfaz, ela só quebra, mas ela não constrói. Isso ele diz, aliás, eu tenho alguns textos já publicados há vários anos mostrando elementos disto, estou integrando um texto completo nesta direção que estará pronto em um mês, um mês e meio. Esta política, não é uma desmobilização política, mas é consciência política dos limites intrínsecos e insuperáveis da política. Eu não estou propondo uma despolitização, não estou voltando à palavra de ordem dos anarquistas “não façamos política”, façamos, sabendo que ela é *meio*, que ela não tem objetivo próprio e que o objetivo é a revolução social, no sentido de reordenação cabal das formas societárias de existência do homem. Isto é uma coisa muito a longo prazo.

Isto significa, portanto, princípios para a ação mobilizada. Quanto antes isso caminhar nesta direção, tanto melhor. Não se entusiasmar na primeira greve um pouquinho mais expressiva e dizer “agora vamos, olha aí”... Não vamos, a última vez que no país foi possível pensar nesses termos, eu até escrevi, foram as greves de 78, 79 no ABC, a de 80 já foi uma droga, uma droga politicisticamente deturpada pelo PT nascente, as duas grandes greves foram de 78 e 79, poderiam ter superado os partidos e os políticos, mas não superaram. O Lenin dizia que em certos momentos o movimento da massa supera as formulações e posições dos partidos, eu cheguei em várias conferências por São Paulo, Rio etc. levantar esta possibilidade, não ocorreu e definitivamente não está ocorrendo e não há perspectiva, não há visualização nesta direção. A mobilização está em torno da intensificação das lutas sociais é que é o decisivo. Denunciar a superexploração do trabalho que caracteriza a periferia do sistema do capital, o mundo subdesenvolvido, a superexploração do trabalho. Por isso o arrocho salarial que absolutamente é a pedra angular do sistema de produção e dominação no terceiro mundo. Demitir, desempregar é a forma mais aguda e polar da

superexploração do trabalho, porque é a negação do próprio trabalho. E não é o Estado que poderá regular melhores salários, isso é um distributivismo no seu sentido piegas. Um Estado com o Lula – coisa que não pode e não vai acontecer nunca – será um Estado que irá impor as leis para que todo mundo possa – como ele dizia para o meu escândalo – também “beber sua cerveja”. Ele reduz a questão da pobreza brasileira ao direito à cerveja. Na forma de sua expressão, sua incompreensão visceral da questão. Não se distribui melhor sem mudar a forma de produção, porque a distribuição é produzida pela forma da produção. Tal qual é a forma da produção, assim é a distribuição. Não existe distribuição em autonomia politicamente regida face à forma de produção. A produção, no terceiro mundo, é a forma de produção da superexploração do trabalho sem o qual não dá pra subsistir. Basta pensar o seguinte: é preciso alimentar dois patrões, o interno e o externo, a superexploração se dá por aí. A não acumulação de capital do patrão interno que fica sempre na dependência do outro, por isso, por isso ele é *incompleto* e *incompletável*. Como *receptor* de dinheiro ele pode participar do mercado mundial, mas sempre na condição de receptor. É muito diferente participar do mercado mundial como receptor ou participar do mercado mundial como *financiador*. É muito diferente, em última instância, pertencer ao mercado mundial como devedor ou pertencer ao mercado mundial como banqueiro.

Não é simplesmente abrindo as comportas do país que se resolve, também não é fechando no sentido primitivo; é a justa tentativa de articulação de um ponto de equilíbrio a partir da soberania da identificação nacional. Isto eu chamaria de *primeira transição*, porque dado o regime, dado uma situação de instabilidade claro, porque subentende desarmar os aspectos mais gravosos da forma em que o capitalismo é objetivado. Não é a revolução socialista, mas é uma primeira transição. Toda ela se cita, fundamentalmente, na ordem do universo e das medidas econômicas e sociais; se diz sociais, diz econômicas, se diz econômicas, se diz sociais. Finalizando, a terrível crise contemporânea tem um aspecto visível, muito visível e universal, hoje mais universal do que um outro aspecto, também, muito grande, quais são esses aspectos, um maior que o outro? A miséria espiritual é maior que a miséria material, porque a miséria material, acompanhada da miséria espiritual, a parte pobre do universo, universo humano é uma, mas a riqueza material do conjunto dos poucos países ou mesmo que fossem mais numerosos, dos países ricos; não é acompanhada de riqueza espiritual, mas exatamente é acompanhada de miséria espiritual. A miséria espiritual é o universal dos universais na contemporaneidade, o que não quer dizer que eu esteja sugerindo a desmobilização de todos aqueles desdobramentos a partir da miséria material, não. Não disse isso, não pensei, mas estou dizendo que é preciso pensar com a máxima atenção a miséria espiritual.

Ninguém está em conforto hoje no mundo, talvez uma minoria das minorias. A insatisfação de ser é permanente e constante. E é o apodrecimento dos indivíduos é absolutamente hoje se não já palpável, pelo menos cheirável. Fedemos, a humanidade está fedendo, pela decomposição da forma de ser. As teorias do irracionalismo são a expressão teórica adequada enquanto destituição do homem, porque ele está reduzido a pulsões. Só pra pegar um aspecto: a rica complexidade do ser homem, que inclui a dimensão das pulsões, hoje é invertido, posto de cabeça para baixo. A pulsão se torna mecanicisticamente, desde o inconsciente de Freud até as outras formulações do irracionalismo contemporâneo que generalizam, agudizam e radicalizam essa dimensão de Nietzsche e Heidegger, unilateralizam o homem. O homem contemporâneo é o homem unilateral. Do egoísmo racional à unilateralização radical, eis o itinerário deste século. Em verdade, desde século XVIII pra cá. Não quero garantir, nem quero sustentar, mas quero apenas deixar na linha de horizonte... Talvez uma reordenação dos movimentos sociais e revolucionários se porão pela compreensão de que a política é meio e que o homem está sendo liquidado, não por utopias, nem por mágicas. A lógica da acumulação ampliada necessita esmagar cada vez mais. Onde isso pode parar? Não é possível nem saber, porque onde já estamos já é suficiente pra notar a dramática situação em que as coisas estão postas.

Assim, por exemplo, se, na literatura, a picaresca – temos publicado propositalmente o livro do Lessage⁸ – é o instante do capitalismo nascente, onde as fórmulas ridículas de ser prosaica do novo homem são criticadas pelos iluministas, dando risada deste homem [...] já em um contexto desde o começo que chega com Goethe, no *Jovem Werther*, a expressar a personalidade impossível que só tem uma saída, ele pratica o suicídio revolucionário. Ou a vida autêntica ou nada, então ele é revolucionário porque ele nega a vida inautêntica. Deixa-se de rir e passa-se para o suicídio. Hoje o prosaísmo é totalmente dominante, resultado o suicídio seria ele agora risível. Talvez, exatamente por esta extrema pobreza espiritual, se possa divisar e notar que ele é o ponto de toque a partir do qual a propositura da revolução possa ser feita, porque ela é necessária: ou ela é feita ou não há perspectiva do homem. Por isso, o socialismo é, sem dúvida, necessário!

⁸ O livro é *Histórias de Gil Blas de Santillana*, escrito por André René Lessage no período de 1715 a 1735. Expressa os primórdios da literatura realista francesa. Com tradução de Bocage foi publicado em dois volumes pela Editora Ensaio em 1990.